

**PRÓSPERO DINIZ: REDATOR E COLABORADOR NA IMPRENSA  
OITOCENTISTA**

Laura Junqueira de Mello Reis

Mestranda – Universidade Federal de Juiz de Fora

[laurajunqueiramreis@gmail.com](mailto:laurajunqueiramreis@gmail.com)

Resumo: Neste artigo pretendemos compreender a vida desse sujeito que foi fundamental na imprensa brasileira do século XIX, o baiano Próspero Diniz. Responsável por uma série de folhas que portavam o título de *Marmota*, presentes nas províncias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco; Próspero colaborou e redigiu os jornais: *A Marmota na Bahia* (1849), *A Marmota na Corte* (1849-1852), *A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz* (1850) e *A Marmota Pernambucana* (1851). A partir das cartas publicadas nessas e em outras folhas do período, analisamos a vida desse baiano que de *boticário* chegou a redigir um notável periódico da província do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Próspero Diniz; Imprensa; Século XIX.

Dono de um temperamento ímpar, perceptível através de críticas em variados jornais oitocentistas, Próspero Fernando Ribeiro Diniz, mais conhecido como Próspero Diniz, foi responsável por iniciar a folha *A Marmota na Corte*, jornal que circulou por 12 anos ininterruptos, influenciando de muitas maneiras outros periódicos do período. Porém, é necessário recordar que ele não foi o único responsável pelo sucesso que a *Marmota* adquiriu, seu então amigo, Francisco de Paula Brito,<sup>1</sup> o ajudou muito nessa tarefa.

Próspero Diniz nasceu na Bahia, no dia 31 de maio de 1820<sup>2</sup>, era filho do farmacêutico Dr. Manuel Feliciano Ribeiro Diniz, e de D. Maria Izidora. Antes de iniciar como escritor na imprensa dos Oitocentos, trabalhou por doze anos na botica de seu pai:

Aplicou-se a farmácia, e ai esteve doze anos fabricando o prodigioso unguento basilicão; fez neste tempo quinhentas e setenta e duas mil novecentas e quarenta e duas pílulas, com as quais purgou a muitos, curou a alguns, e a

---

<sup>1</sup>Para mais informações sobre Francisco de Paula Brito ver: GODOI, Rodrigo Camargo. *Um editor no império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Unicamp. Campinas: 2014.

<sup>2</sup>De acordo com a publicação a respeito de seu aniversário na edição 85 de 1850, Próspero afirmou que estava completando 30 anos.

outros encheu a barriga de drogas para irem viajar para outro mundo... (A *MARMOTA NA CORTE*, 20/08/1850)<sup>3</sup>

Não estava satisfeito em trabalhar como boticário e por isso decidiu mudar de profissão:

Tornou-se o rapaz em homem, e aborrecido da prisão da botica, procurou outro meio de vida; tencionou ser Imperador, porque tinha muita propensão para príncipe, para gozar os luxos de um trono de algum estado, mas vendo que os lugares estavam todos preenchidos, mudou de opinião, ofereceram-lhe Imperador do Espírito Santo; mas renunciou o lugar, porque é de gastar e não de receber dinheiro, e destes empregos acham-se facilmente. Quis ser militar para ver se chegava a marechal, mas deu-se muito mal com o fedor da pólvora; propôs então a ser padre, porque nesse tempo as ordens estavam ainda baratas, mas deram-lhe baixa por inábil, visto que nunca pôde entoar o cantochão; atendo a esses transtornos, aplicou-se o homem a um comércio variado, de comprar tudo e vender tudo (à exceção de negros novos), louça quebrada, roupa já vestida, e chifres de boi, visto que o primeiro gênero é criminoso, o segundo é inútil, o terceiro causa escrúpulo, e o quarto desacredita o vendedor. (A *MARMOTA NA CORTE*, 20/08/1850)

Na década de 1840 introduziu-se na elite baiana, escrevendo no jornal *A Marmota* (BLAKE, 1883-1902). Seu temperamento audacioso fez com que, após criar problemas na província da Bahia, fosse exilado para o Rio de Janeiro. Através do jornal *Diário do Rio de Janeiro* sabemos que Próspero Diniz viajou para a Corte pela fragata Constituição, comandada pelo capitão de mar e guerra Joaquim José Ignácio. (*DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO*, 29/08/1849)

N'A *Marmota* baiana, Próspero Diniz se despediu de seus leitores e pareceu receoso com a sua mudança para a Corte, apesar de também expor no texto certa expectativa com ida para o Rio de Janeiro:

Vou a corte onde me vou tornar uma insignificante pessoa no meio de imensos ricos, e figurões, mas nem por isso receio passa mal, ou ser dispersado, porque o meu guia é Deus, o meu cofre é a minha cabeça, a minha pena é a minha espada, e minha carta de recomendação é o meu coração, e bem certo estou de que, em quanto eu for falando verdade, acreditando na nossa pura e única religião sem desejar mal aos meus semelhantes, hei de ser feliz em qualquer canto em que me ache, embora esteja entre malvados, e animais ferozes. (A *MARMOTA*, 18/08/1849)

A partir da leitura desse trecho podemos notar uma desconfiança a respeito de certas pessoas que o cercavam, entretanto Próspero afirmou que não desejaria mal aos seus semelhantes. Independente desta alegação, nos foi possível constatar que, durante

---

<sup>3</sup>Optamos por atualizar a grafia das citações que retiramos dos jornais, sem interferir no sentido do texto.

sua residência na Corte, o baiano continuou a escrever artigos ofensivos a inúmeros indivíduos.

O jornal *Cosmorama na Bahia*<sup>4</sup> foi um dos periódicos baianos que mais celebrou a saída de Próspero da sua então província. A primeira edição dessa folha é totalmente voltada a ida do baiano para o Rio de Janeiro e devidamente comemorada. O então redator, Epifânio Pedrosa, parecia, assim como muitos outros, não possuir uma boa relação com Próspero. E então publicou o seguinte poema:

Adeus exótico Diniz  
Que em tudo mete o nariz;  
Aceita meu coração  
Chocarreiro maganão! (*COSMORAMA NA BAHIA*, 02/10/1849)

Ao chegar na Corte e se inserir na imprensa fluminense, as considerações negativas sobre ele continuaram confirmando que seus artigos permaneciam perpetuando-se em um viés hostil aos demais, ou seja, sua mudança forçada para o Rio de Janeiro não havia resultado em modificações a respeito do seu comportamento. Suas críticas ofensivas não atingiam apenas aos homens, as mulheres também se tornaram alvo em seus artigos, as reclamações sobre a maneira que ele as tratava estavam explícitas em jornais como: *Amor-Perfeito*<sup>5</sup> e no periódico *O Patriota*<sup>6</sup>.

Em um de seus artigos cujo a temática principal era uma crítica a algumas mulheres, Próspero recebeu uma resposta de Flávia Ernestina Brasileira, publicada no jornal *Diário de Pernambuco*:

Tocastes, Doutor, na mais delicada tecla do nosso amor próprio: e foi tão bruscamente que isso fizestes que a tenuíssima corda da nossa paciência e bondade quebrou-se, quebrou-se...  
Dissestes: as moças da província (!) de Maceió são – narigudas, e fogem quando veem a gente.  
Maceió, doutor, não é província, é capital da província das Alagoas! Tomais lá uma lição de geografia de uma –nariguda.  
Se alguma moça vistes em Maceió, a quem se possa ajuntar o faceto predicado de nariguda, certo, doutor, que não é alagoana, porque as alagoanas (exceto eu

---

<sup>4</sup>Circulou na Bahia em 1849, custava 80 réis, era formado por 4 páginas, tinha Epifânio Pedrosa como dono e era impresso na tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira.

<sup>5</sup>Circulou na Corte, prometeu sempre ser modesto e atencioso com o belo sexo e fazer jus ao seu nome, um jornal crítico, jocoso e instrutivo. Continha 8 páginas, e sendo as 8 envoltas em uma ‘moldura’ de folhas, saía pela tipografia Clássica de F. A. de Almeida, rua da Valla, 141.

<sup>6</sup>Circulou na Corte, publicava-se as quartas e sábados na tipografia Carioca de J. I. da Silva e Comp., na rua da Assembleia n.93, custava 80 réis e era formado por 4 páginas.

que não fui lá muito protegida pela natureza) são formosas. (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 04/05/1850)

Um tema que era constantemente abordado por Próspero Diniz em suas publicações n'*A Marmota na Corte*, era o comportamento feminino. Feito de forma agressiva e denunciado por muitos jornais, Próspero escrevia muito sobre casamento e a respeito da maneira que as mulheres deveriam se comportar caso almejassem o matrimônio (*A MARMOTA NA CORTE*, 30/10/1849); o mais irônico nesses escritos é que esses conselhos vinham de alguém que passou a vida sem casar. Próspero também elaborou diversos artigos que abordavam assuntos aleatórios, como: religião (*A MARMOTA NA CORTE*, 17/10/1851), teatro (*A MARMOTA NA CORTE*, 13/04/1852), entre outros; além de compor poesias. O baiano trazia, por vezes, o que ele chamava de 'parte oficial', espaço reservado para criticar problemas municipais, como ruas esburacadas, do Rio de Janeiro ou de Salvador.

A partir da leitura de algumas de suas cartas remetidas aos amigos da Bahia, de autoria de Próspero Diniz, constatamos que o mesmo não era um sujeito que possuía muito dinheiro. Em uma dessas correspondências, logo nas primeiras edições do periódico *A Marmota na Corte*, Próspero Diniz escreveu: “falarei sobre o Teatro, onde ainda não fui, porque ainda está caro, mas, se Deus quiser breve irei para fazer minha revista.” (*A MARMOTA NA CORTE*, 14/09/1849).

Situação também comprovada pela escolha da tipografia de Paula Brito para editar e imprimir o seu jornal na Corte, que se deu por ser a mais barata dentre todas possíveis (*A MARMOTA NA CORTE*, 25/09/1849). Ainda, em carta que ele enviou ao povo baiano, como forma de sua despedida, Próspero escreveu que apesar de colaborar em jornais há mais de seis anos, não ganhava dinheiro com esse exercício: “pobre principiei e pobre me acho” (*A MARMOTA NA CORTE*, 29/09/1849). Em um trecho de um texto, escrito por ele, há a confirmação que a sua fraca situação financeira perdurou até pouco tempo antes de sua morte:

Há sete anos que estou escrevendo, e não tenho de meu mais do que sessenta e dois mil e quinhentos réis (e isto mesmo em dívidas quase incobráveis) e ultimamente o contrato que fiz com a publicação da *Marmota na Corte*. Ora, os meus bens, ou mobília, consistem em duas cadeiras de palhinha rotas, e uma gamela de banho que está vasando por uma rachadura; e assim mesmo não me entristeço de ser pobre, porque vejo por essas ruas muita gente boa a pedir

esmolas, e além disto não devo nada a ninguém. (*A MARMOTA NA CORTE*, 28/03/1851)

A respeito da sua situação amorosa, temos indícios que, em algumas correspondências remetidas a um amigo baiano, Próspero mandava beijos para uma mulher que ele tratava por Mariquinha. E também que recebeu poemas de Teolinda, publicados no *Cosmorama na Bahia*, onde a autora questionava o motivo de seu amado ter partido para a capital do império. Ao introduzir o poema, o redator do *Cosmorama* escreveu:

Teve aqui um sem número de namoradas, e a todas desprezou, com exceção da sua Teolinda, porque foi essa que soube entranhar-lhe na alma os quindins do travesso amor; fez com que ele desprezasse amantes sem dentes, sem fortuna, e sem cabelos!! Numa palavra, foi menina que pôs esse sujeitinho todo desengonçado de corpo e juízo. (*COSMORAMA NA BAHIA*, 02/10/1849)

Ainda sobre a vida amorosa de Próspero, em uma carta endereçada para Paula Brito, ele relatou: “nesta ocasião não posso ser mais extenso, porque mandaram-me chamar a toda pressa para ver se eu quero casar com uma viúva rica, e isto é bago que não se deve perder...” (*A MARMOTA NA CORTE*, 11/01/1850), demonstrando que dois anos antes de sua morte, ele ainda não havia adquirido matrimônio. Em meados de 1851, através de uma correspondência, Próspero celebrou a chegada da água em alguns pontos do Rio de Janeiro, de modo que a população poderia se refrescar: “ninguém sente calor; quem dorme sozinho, como eu, é preciso agasalhar-se bem para poder sossegar!” (*A MARMOTA NA CORTE*, 12/09/1851); ou seja, Próspero não tinha, nesse momento, nenhum relacionamento e nem havia se casado com alguma moça, já que, como ele afirmou “quem dorme sozinho, como eu...”.

Sua residência no Rio de Janeiro foi breve, tendo em vista a morte de seu pai em 1849, nesta situação ele declarou não saber lidar com a ausência de seu pai e, em algumas edições seguintes, anunciou seu regresso a Bahia (*A MARMOTA NA CORTE*, 23/11/1849). De acordo com ele, sua mãe, recém viúva, precisava de sua ajuda; demonstrando que sua ida não significava o abandono do jornal *A Marmota na Corte*, comunicou que deixara variados artigos na Corte para ainda serem publicados, que o periódico estaria sob o comando de seu editor Paula Brito e anunciou que voltaria, assim

que possível, para o Rio de Janeiro (*A MARMOTA NA CORTE*, 18/12/1849). Conforme em carta endereçada de Próspero a Paula Brito:

Eu vou tão somente à Bahia beijar a mão a minha Mãe, e abraçar-me com os antigos boiões de botica de meu falecido Pai, onde trabalhei doze anos, e aprendi a farmácia; mas, se não morrer, pretendo voltar breve, ainda que seja por terra, pois bem V...que as moças tem me dedicado suas feições, e eu não tenho coração de pedra para resistir às frechadas daquele sujeito, que V.. bem conhece!... Remeto-lhe mais manuscritos para continuar a folha com prontidão e graça, que agrade aos fregueses, na forma do estilo. (*A MARMOTA NA CORTE*, 21/12/1849)

Próspero também afirmou que havia concedido ‘carta branca’ para o amigo, ou seja, Paula Brito poderia redigir a folha da melhor forma possível, de acordo com sua concepção. Ademais, analisando esse trecho transcrito, percebemos que além de voltar para a Bahia com o objetivo de ajudar sua mãe, ele também estava, aparentemente, ‘fugindo’ da acusação de um homem. Próspero não deixou certo na mensagem do que se tratava, porém inferimos tal situação a partir do trecho “e eu não tenho coração de pedra para resistir às frechadas daquele sujeito, que V... bem conhece!...”.

O redator não permaneceu na Bahia por um longo período, mas no tempo em que esteve nessa província, deu início a um novo periódico, chamado *A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz*. Nome que, certamente, não agradou a Epifânio Pedrosa, o então dono da *Marmota da Bahia*, e muito menos Paula Brito, que estava no comando d’*Marmota na Corte*<sup>7</sup>. A nomeação de uma de suas folhas como ‘Verdadeira’ depreciava as demais ‘marmotas’, que a partir desse princípio, adquiririam perspectivas negativas e seriam classificadas como falsas, adulteradas, modificadas. A utilização do adjetivo ‘verdadeira’ e também de seu nome próprio, manifestava o sentimento de pertença que Próspero tinha com o título *Marmota*. Conforme ele afirmou a *Marmota da Bahia* já não lhe pertencia, apenas *A Marmota da Corte* e *A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz* eram periódicos que ele era encarregado e acrescentou:

Não vou choramingar assinantes, porque não desejo ser importuno; e além disto tenho a glória de dizer que desde que publico há seis anos os meus escritos, eles tem sido espontaneamente apreciados pelo povo do meu país: as minhas folhas tem girado todas as províncias do império, e ultimamente foram

---

<sup>7</sup>Como podemos verificar no artigo publicado na *Marmota Fluminense* chamado *O Sr. Próspero e a Marmota*.

acolhidas, estimas e reimpressas na corte, foco da civilização: todavia como não sou soberbo aceitarei aqueles que voluntariamente quiserem dar 1\$000rs (adiantados) para receberem 15 números da Verdadeira Marmota. Também não anuncio dia certo para publicá-la, porque só quero que apareça com artigos dignos de serem lidos, e além disto, se Deus me permitir, pouco me hei de demorar aqui, porque estou contratado, e com maiores interesses, no Rio de Janeiro, onde já passei perto de cinco meses protegido da fortuna! (A *MARMOTA NA CORTE*, 22/02/1850)

Em concordância com suas pretensões, Próspero não permaneceu por muito tempo na Bahia, porém a Corte não foi seu destino, ainda em 1850 ele partiu para Pernambuco, onde fixou residência em Recife. Não satisfeito com as diversas ‘marmotas’ que já havia produzido, decidiu que a província de Pernambuco também era digna de uma folha desse formato e então inaugurou *A Marmota Pernambucana*.<sup>8</sup> Não se afastou de seu jeito irreverente e com seus escritos peculiares acabou criticando o então governador da província, o conservador Honório Carneiro Leão. Em função de sua consideração publicada na *Marmota Pernambucana*, Próspero Diniz foi preso e exilado na ilha de Fernando de Noronha. (*CORREIO MERCANTIL*, 11/04/1850)

Segundo uma publicação do jornal *O século*, o motivo de sua prisão estava relacionado ao artigo de Próspero, onde ele declarou que “o Sr. Honório estava de febres azuis” (*O SÉCULO*, 09/04/1850). A notícia da prisão do baiano demorou a chegar ao Rio de Janeiro, apenas em meados de abril de 1850 foi publicado na folha de Próspero e Paula Brito um artigo sobre a prisão do redator em Fernando de Noronha. (A *MARMOTA NA CORTE*, 12/04/1850)

Imerso em uma vida de muita desordem política, Próspero Diniz enviou para Paula Brito um artigo, que publicou ele n’*A Marmota na Corte*, cujo nome era *Os princípios da Marmota*, em que o baiano afirmava que seu objetivo nunca fora ofender nenhum político e que o único propósito de seus jornais era criticar as modas, desenvolver poesias e civilização, principalmente dentre o *bello sexo*. (A *MARMOTA NA CORTE*, 07/05/1850)

Próspero Diniz voltou à Corte em meados de agosto de 1851 e uma edição extraordinária d’*A Marmota na Corte* foi feita para comemorar o seu regresso, exatos dois anos após sua saída da capital para a Bahia. Seu retorno foi muito comemorado por ele,

---

<sup>8</sup>Circulou na província de Pernambuco no ano de 1850, era redigida por Próspero Diniz, formada por 04 páginas e impressa na tipografia da Viúva Roma e filhos.

que descreveu minuciosamente sua viagem de volta ao Rio de Janeiro e contou sobre sua experiência na província de Pernambuco:

Esquecia-me contar que nestes dois anos da minha ausência estive oito meses na encantadora província de Pernambuco, que justamente merece o nome de Paraíso do Brasil, jardim das graças, vergel da poesia, onde sem o menor motivo um tal Honório dizem que filho de Minas, e por isso de gênio forte por causa do feijão com que foi criado mandou-me prender e estive de conserva a bordo da corveta Januária onze dias pescando caranguejos, e a final achei o homem de boa maré que já parecia outro; conversou comigo; contou-me a sua vida, e até soltou-me, no que não me fez favor nenhum; e com tudo não tenho zanga dele, porque vejo que não é culpado destes e de outros destemperos; tudo procede de quem o batizou imprpropriamente; reuniu-lhe no sobrenome Carneiro e Leão, bichos de natureza muito opostos um ao outro. (A *MARMOTA NA CORTE*, 29/08/1851)

Apesar de ter regressado à Corte em 1851, em função de seu longo afastamento Próspero vinha perdendo espaço n’*A Marmota na Corte* para Paula Brito. Sua vida tumultuada e um conflito de interesses entre os dois, acabou levando ao desligamento completo de Próspero do jornal, no começo de 1852. A saída oficial do baiano como redator e colaborador da folha aconteceu na edição 258, no dia 04 de maio de 1852. No número seguinte o periódico modificou seu nome e passou a chamar *Marmota Fluminense*.

Logo após a saída de Próspero Diniz da folha, Paula Brito escreveu um artigo intitulado *O Sr. Próspero e a Marmota* (*MARMOTA FLUMINENSE*, 11/05/1852), que seria uma resposta a um texto de Próspero Diniz publicado no jornal *Boticário*<sup>9</sup>. Primeiramente, Paula Brito expôs uma reclamação sobre a condição financeira almejada por Próspero Diniz, que recebia os mesmos 60 réis que todos colaboradores d’*A Marmota na Corte*, porém, em determinado momento, julgou essa situação como injusta e solicitou um aumento para 100 réis; como a folha vendia bem, Paula Brito aceitou essa proposta. Em seguida, Paula Brito demonstrou-se insatisfeito com o periódico *A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz*: “Ora, basta esse título para provar que o Sr. Próspero não se julgava com direito algum à *Marmota na Corte*; e nem nisso me falou vez alguma,

---

<sup>9</sup>Não nos foi possível localizar esse periódico. Mas sabemos através de um anúncio no jornal *O Brasil: vestra res agitur*, que ele saía as terças e sextas feiras, custava 80 réis e era vendido nas casas dos Srs. João Pedro da Veiga, Serdzello e Filho, Antônio Fernandes Pereira Vianna, na botica do Sr. Pires Ferrão e na loja de Chapéu do Sr. Pinheiro e Chaves.



nem quando aqui estava, nem depois que daqui se retirou.” (*MARMOTA FLUMINENSE*, 11/05/1852)

Ainda de acordo com Paula Brito, quando Próspero começou a escrever *A Marmota Pernambucana* não o comunicou e deixou de lhe enviar os artigos prometidos, conforme combinado anteriormente a ida de Próspero para a Bahia. Ao regressar à Corte em 1851, o baiano solicitou que continuasse a escrever no periódico e que recebesse os mesmos 100 réis que ganhava em 1849, o que não agradou a Paula Brito. Após alguns acordos, Paula Brito concordou que ele publicasse no jornal, mas recebendo como os demais colaboradores, o valor de 60 réis. Paula Brito ainda comentou a respeito dos artigos insultuosos que o baiano escrevia:

Cumpre aqui fazer uma observação. Muita gente se queixa (e se queixou sempre) da liberdade com que o Sr. Próspero Diniz escreve, seus artigos não podem mesmo ser publicados como saem da sua pena (o que provarei com os manuscritos que tenho arquivados); eu era obrigado sempre, ou quase sempre, a evitar que fossem feridas pessoas a quem o Sr. Próspero procurava ofender; ou a colorir os seus quadros de modo que a vista deles não ofendesse as famílias. Apesar deste meu grande trabalho, apesar de todo o meu cuidado, coisas apareceram, em prosa, e em verso, escritas pelo Sr. Próspero, de que muitos chefes de família se molestaram, e as censuras recaíram sobre mim. (*MARMOTA FLUMINENSE*, 11/05/1852)

Além disso, Próspero reivindicou, segundo Paula Brito, o título ‘Marmota’:

O Sr. Próspero quis objetar, julgando-se com direito à propriedade da folha, por causa do título; respondi-lhe que o título não lhe pertencia; porque Marmota já houve nesta corte; Marmotas se publicam na Bahia, no Maranhão, e por toda a parte; mas para que o Sr. Próspero não dissesse que eu me servia desse mesmo título, e de sua epígrafe, fiz a mudança anunciada, e continuei a folha, como devia continuar. (*MARMOTA FLUMINENSE*, 11/05/1852)

Próspero Diniz terminou seus dias comandando o periódico *O Boticário*. Apesar de falecer em 24 de novembro de 1852, sua morte foi anunciada na *Marmota Fluminense* apenas em dezembro, em um artigo que foi extraído d’*A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz*:

No dia 14 do corrente deu alma ao Criador o Sr. Próspero Diniz, primeiro fundador desta gazeta, depois de uma enfermidade de peito, que zombou dos socorros da medicina.

O infeliz finado tinha, em meio do ano passado, partido para o Rio de Janeiro, onde se agravou mais seu mal, o qual já aqui sofria, e persuadido de encontrar melhores ares em seu país natal, para aqui se retirou em dias do mês de

setembro, onde veio a dar o último suspiro nos braços da sua idolatrada mãe, a quem ele muito amava. (*MARMOTA FLUMINENSE*, 17/12/1852)

O *Correio Mercantil* também publicou a respeito do óbito de Próspero Diniz:

Faleceu na Bahia, no dia 24 do passado, o Sr. Próspero Diniz, uma das personagens mais originais da nossa época.

O Sr. Próspero Diniz reunia a um espírito sarcástico uma maneira de ver sempre extravagante, algumas vezes cômica. A sua prosa e os seus versos estavam em perfeito harmonia com a sua linguagem e a sua presença; era uma completa individualidade distinta e marcada. Seus artigos eram sempre lidos com avidez por causa das novidades, ou antes esdruxularias que continham. (*CORREIO MERCANTIL*, 17/12/1852)

A análise da vida desse redator baiano não nos seria possível sem a leitura das diversas cartas que trocava com seus amigos, enquanto residia em diferentes províncias brasileiras. A publicação de correspondências nos jornais era muito comum nos periódicos do século XIX e são grandes aliadas para os estudos biográficos. Através dessas mensagens temos acesso ao ponto de vista do sujeito analisado, conhecemos circunstâncias que transpassavam a sociedade do período, ademais também conseguimos ter acesso a condições geográficas dos locais que Próspero viveu, visto que, era muito comum comentar a respeito das paisagens naturais e construídas do Rio de Janeiro, de Recife e de Salvador. Segundo Renato Lemos: “como fonte, as cartas interessam pelo que contem de indicativo sobre a pessoa, na posição de remetente ou de destinatário, e suas circunstâncias” (2004, p.18).

Sabemos do risco enfrentado ao trabalhar com cartas como fonte de pesquisa, tendo em vista o conteúdo íntimo que carregam, mas, possuindo esse conhecimento, entendendo que é necessário relativizar essas verdades e contrastando o conteúdo desses documentos com postagem dos periódicos do período, consideramos que, apesar da complexidade, o uso de correspondências como fonte pode ser fascinante para o estudo da história.

Segundo Raimundo César de Oliveira Mattos:

Cartas, apesar de fontes escritas, não eram utilizadas como documentos históricos até há pouco tempo. Quando muito, eram tidas como material secundário. No entanto, elas se revelam como um instrumento que exige toda essa engenhosidade do historiador, pela complexidade das informações que contém, muitas das vezes escondidas através de códigos ou sinais que cabe ao pesquisador decifrar ou, nas palavras de Marc Bloch, “... os textos ou os

documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-lo. (2010, p.02).

As cartas ainda podem revelar a rede de sociabilidade que os correspondentes estavam inseridos. Certamente que a rede de Próspero Diniz era extensa, considerando os diversos lugares que teve como residência e o contato com variados políticos e intelectuais do século XIX. Apesar de muito raramente revelar os sujeitos que correspondiam com Próspero, a partir desses documentos nos foi possível entender diversas manifestações de sua vida. Para além das correspondências, os artigos de Próspero publicados em diversos jornais também foram de imensurável auxílio para compreendermos esse personagem que não tem sua importância histórica devidamente reconhecida.

Os estudos focados em um só indivíduo, em que se propõe pensar a trajetória histórica do mesmo, foi visto, por muito tempo, de maneira negativa no mundo acadêmico. Somente a partir da terceira geração dos *Annales* que os estudos em um só sujeito passaram a ser mais aceitos no ambiente da academia e foi quando perceberam que era possível fazer uma pesquisa histórica partindo dessa via. Como exposto na tese de Rodrigo Camargo Godoi: “dos estudos centrados na agência individual à biografia foi um passo e, com efeito, ela passou a ser sistematicamente problematizada e praticada nos diferentes domínios da história, inclusive na história do impresso.” (2014, p. 07).

Segundo Mary Del Priore, em um artigo que a historiadora abordou a biografia como forma de fazer história:

Foi, contudo, preciso esperar os anos 1970 e 80, para assistir ao fim da rejeição a biografia histórica. O epistemólogo François Dosse anunciou então a chegada de uma “idade hermenêutica” na qual o objetivo seria capturar a “unidade pelo singular”. Até que enfim, o indivíduo encontrava a história. (2008, p.77).

Conforme exposto pela historiadora, na década de 80, após o texto “L’illusion Biographique” de Pierre Bourdieu, no qual ele criticava a forma de se fazer biografia, ocorreram algumas mudanças nesse modo de fazer história: “a reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos, uma importância diferenciada, distinta, individual.” (PRIORE, 2008, p.78).

De acordo com historiadora Maria da Glória de Oliveira, na elaboração de uma biografia:

Seria possível, de acordo com Madelénat, reunir em uma única formulação os sentidos amplo e estrito, usualmente atribuídos ao gênero biográfico, definindo-o como “narrativa escrita ou oral, em prosa, que um narrador faz da vida de um personagem histórico, acentuando a singularidade e a continuidade de sua existência”. As palavras narrativa, narrador, histórico assinalam o pertencimento comum à literatura e à história e, por conseguinte, acentuam o caráter híbrido da biografia, situada na tensão constante entre uma ambição mimética de reprodução do vivido e sua reconfiguração imaginativa. (2009, p. 07).

Partindo desses princípios citados, trazemos neste artigo um breve estudo de Próspero Fernando Ribeiro Diniz enquanto colaborador e redator na imprensa Oitocentista. Analisamos sua vida, escolhas e caminhos a partir de seus escritos pessoais, dessa maneira, acreditamos que conseguimos demonstrar, na medida do possível, a singularidade da figura de Próspero Diniz.

#### Referência Bibliográfica:

##### Fontes:

##### Jornais:

*A Marmota na Corte;*  
*Marmota Fluminense;*  
*A Marmota Pernambucana;*  
*A Marmota;*  
*A Verdadeira Marmota: do Dr. Próspero Diniz;*  
*O Cosmorama na Bahia;*  
*Correio Mercantil;*  
*O Diário do Rio de Janeiro;*  
*O Século;*

*O Diário Pernambucano;*  
*O Brasil: vestra res agitur.*

Todas fontes encontram-se disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional:  
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Bibliografia:

BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional/Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 vols. (reedição fac-símile 1970).

GODOI, R. C. *Um editor no império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Campinas: Unicamp, 2016.

LEMOS, R. *Bem traçadas linhas: A história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

MATTOS, R. C. de O. As cartas revelam: analisando os oitocentos através da correspondência. In: XI ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH -RJ, 07,2010, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Unirio, 2010. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191678\\_ARQUIVO\\_ASCARTAS\\_REVELAM.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191678_ARQUIVO_ASCARTAS_REVELAM.pdf).

OLIVEIRA, M. da G. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2012.

PRIORE, M. D. Biografia, biografados: uma janela para a história. IN orgs: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHIMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letras e voz, 2008